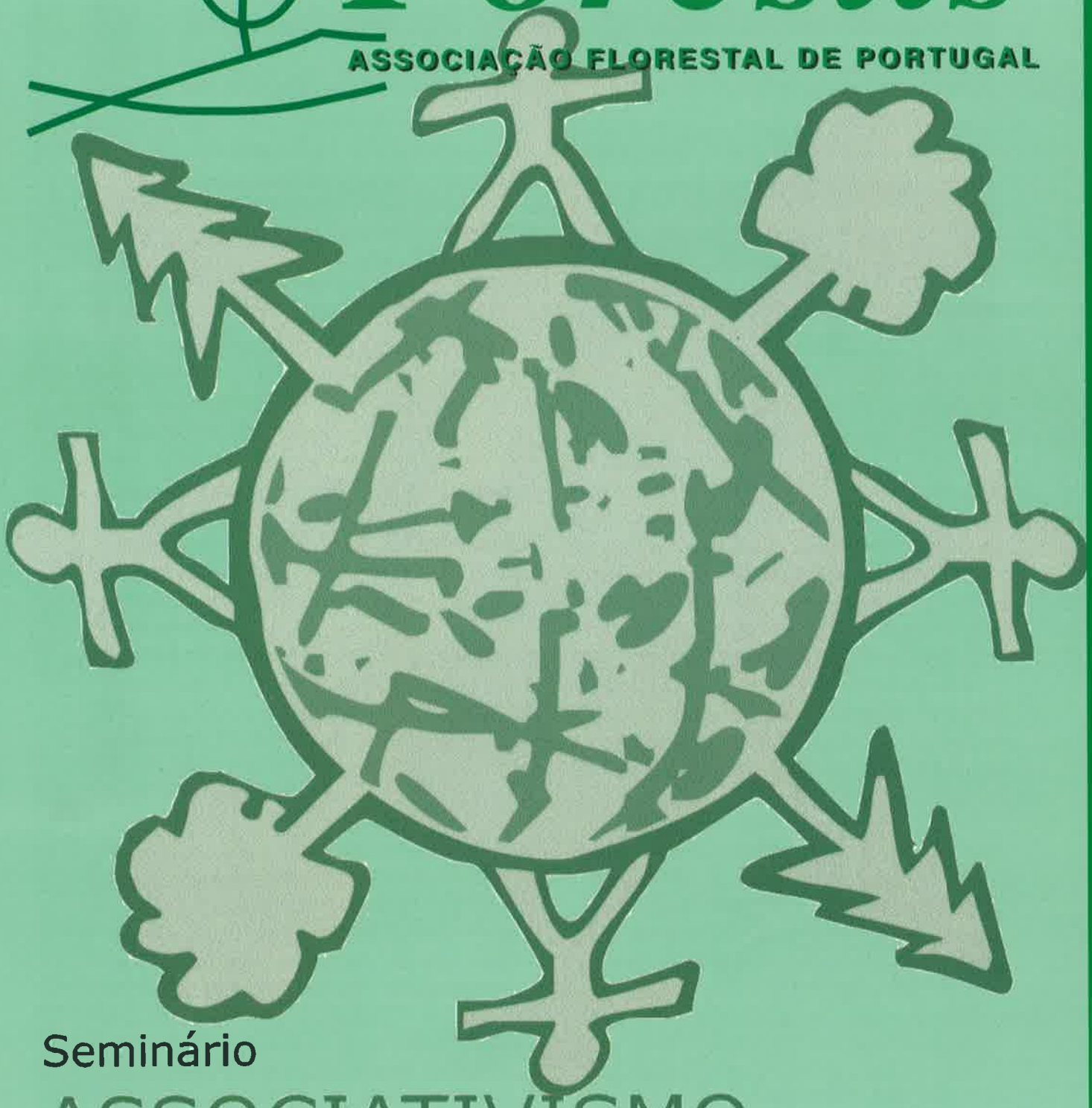
Forestis
ASSOCIAÇÃO FLORESTAL DE PORTUGAL



Seminário

ASSOCIATIVISMO E COOPERATIVISMO FLORESTAL

Conclusões do Seminário Associativismo e Cooperativismo Florestal

Vida das Associações

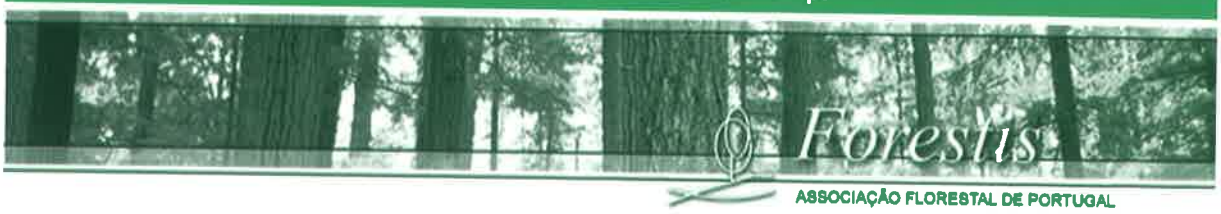
BOLETIM TRIMESTRAL DA FORESTIS – ASSOCIAÇÃO FLORESTAL DE PORTUGAL • NÚMERO 25 • ANO 6 • JULHO 2002

Agenda

5 e 6 de Setembro de 2002: Colóquio Internacional Léau en Montagne, MEGEVE – tel: +33450212952 email: reservation@megeve.com

17 a 20 de Outubro: Ferrália Exponor, Porto – Tel: +351229981482 email: Info@exponor.pt

VISITE O NOSSO SITE – www.forestis.pt



SUMÁRIO

Editorial 3
Vida da *Forestis* 4
Vida das Organizações 7
Ficha Técnica 13

Forestis
ASSOCIAÇÃO FLORESTAL DE PORTUGAL

Forestis

FICHA TÉCNICA

BOLETIM TRIMESTRAL DA *Forestis* – ASSOCIAÇÃO FLORESTAL DE PORTUGAL Nº 25 • Ano 6 • Julho 2002
EDITADO POR: *Forestis* – ASSOCIAÇÃO FLORESTAL DE PORTUGAL
R. DO CAMPO ALEGRE, 823 (IBMC), 4150-180 PORTO – TELF.: 22 6006129 • FAX: 22 6090156 •
EMAIL: *forestis*@mail.telepac.pt
EXECUÇÃO GRÁFICA: RAINHO & NEVES, LDA. – SANTA MARIA DA FEIRA
COORDENAÇÃO TÉCNICA: JORGE CUNHA
NESTE NÚMERO COLABORARAM: AMÉRICO MENDES, ANTÓNIO GUIMARÃES, ELIZABETE ARAÚJO, HELENA BARBOSA, JOSÉ BARROS, JORGE CUNHA, MARGARIDA GONÇALVES, SÓNIA LOPES.

EDITORIAL

ASSOCIATIVISMO E COOPERATIVISMO FLORESTAL

Para comemorar os dez anos de vida da FORESTIS nada mais importante do que a análise do Associativismo e Cooperativismo Florestal, num Forum apropriado, celebrado na cidade de Viseu, como centro geográfico da nossa Floresta.

Não nos ficará mal afirmar que foram umas Jornadas de Unidade, com representações ao mais alto nível das Instituições: Presidência da República, Governador Civil de Viseu, Ministério da Agricultura do Desenvolvimento Rural e das Pescas, Centros de Coordenação Regionais do Norte e Centro, Direcção Geral das Florestas, Direcções Regionais de Agricultura, Comissão Nacional Especializada de Fogos Florestais, Indústria, CONFAGRI representada por D. Duarte Nuno, Episcopado de Viseu na pessoa do seu Bispo, Federações e Associações de Base Sub-Regional. A todos queremos manifestar o nosso reconhecimento.

Queremos realçar a qualidade, objectividade e actualidade dos assuntos tratados por conferencistas nacionais, estrangeiros, comentadores e moderadores das mesas, de reconhecido mérito, sem esquecer todos os participantes que permitiram, pelo debate dos temas, chegar a conclusões muito importantes, que depois de recebidas e apreciadas por quem de direito, produzirão certamente os seus frutos.

Cumpre-nos felicitar todos quantos contribuiram para o sucesso deste Seminário, com um agradecimento muito especial aos técnicos e administrativos que tudo deram para alcançar os objectivos com tanta dignidade.

Não podemos esquecer a presença de tanta gente jovem, entusiasmada com o trabalho que desenvolvem no dia a dia junto das comunidades rurais, que nos obrigam a acreditar no sucesso do muito trabalho que temos de fazer e enfrentar. A experiência e sabedoria dos mais velhos, produtores, dirigentes, cientistas, aliados aos nossos técnicos, transformarão a Floresta Portuguesa.

Para aqueles que foram condecorados pelos trabalho desenvolvidos em prol da Floresta e do Associtivismo Florestal, pelo Ex^{mo} Sr. Professor Carlos Portas, em nome do Ex.^{mo} Sr. Presidente da República, o nosso agradecimento e reconhecimento.

Foi sem dúvida uma data histórica que não pode ficar esquecida por quem tem a responsabilidade de implementar as políticas, que responderão aos anseios da sociedade.

Face ao exposto, tendo em conta a realidade e especificidade do sector, nomeadamente no minifúndio, foi consensual a importância, e a indispensabilidade do Associativismo, considerando que sem ele não haverá gestão sustentável da floresta, no nosso país.

Associações e Cooperativas, num esforço conjunto, numa envolvência comprometida com os produtores, e todos os agentes que directa ou indirectamente a ela estão ligados, com o apoio de todas as estruturas, saberemos levar a bom porto os projectos em curso e os programas que urge implementar: Plano de Desenvolvimento Sustentável da Floresta Portuguesa, Planos Regionais de Ordenamento Floresta, (P.R.O.F), Programas de Certificação, bem como os Programas do III Q.C.A., de acordo com a realidade de cada região.

Assim saibamos reconquistar a confiança perdida pela grande maioria dos nossos produtores.

Não podemos falhar, nem nos podemos dar ao luxo de gastar dinheiro mal gasto, mas quem trabalha tem direito à justa remuneração do que produz, e as Associações têm direito de respirar o ar puro que a floresta lhes deve, por mérito próprio.

O campo é vasto e como se costuma dizer, se calhar somos demais para o que se vai fazendo, e muito poucos para o que urge fazer.

Não queremos fazer tudo, mas queremos fazer bem, mais e melhor, para que as gerações que nos sucedem não nos responsabilizem, a história não nos condene, e que no cenário da União Europeia onde estamos inseridos, não nos sintamos envergonhados.

António Guimarães

VIDA DA *Forestis*

Seminário «ASSOCIATIVISMO E COOPERATIVISMO FLORESTAL

Viseu, 23 e 24 de Maio de 2002

Conclusões

1. ORGANIZAÇÕES DE PRODUTORES FLORESTAIS: Que passado e que presente?

As OPF (OPF) das regiões do Sudoeste Europeu têm um **património acumulado muito rico**:

- Quadros **técnicos** de muita qualidade;
- Um papel importante na **prestação de um conjunto de serviços** à produção florestal;
- Uma **credibilidade** conquistada junto dos produtores florestais;
- Uma **credibilidade** conquistada junto das autoridades públicas e dos outros parceiros do sector;
- Uma experiência de **cooperação inter-regional**.

As OPF demonstraram igualmente que não só são **necessárias**, mas que também podem ser **viáveis.**

Dados os muitos **benefícios *sociais*** gerados pela actividade florestal e pelas OPF, essa viabilidade deverá passar pelo **pagamento pela sociedade, aos produtores e suas organizações, dos custos de produção desses benefícios**. Com efeito, a experiência acumulada mostra que a viabilidade das OPF depende muito de três condições:

- **Direcções** com um sentido do serviço público;
- **Técnicos** competentes e motivados (este é o recurso mais valioso dessas organizações);
- **Pagamentos pelo Estado e por outras entidades** que compensem as OPF pelos serviços com a natureza de bem públicos que prestam à sociedade.

Os casos de mais sucesso no desenvolvimento das OPF também mostram que estes pagamentos não substituem, mas são antes catalisadores de uma maior contribuição dos produtores florestais e de outras pessoas e entidades privadas para o desenvolvimento do sector florestal.

2. ORGANIZAÇÕES DE PRODUTORES FLORESTAIS: Que futuro?

Alguns aspectos importantes que as OPF devem tomar em consideração em relação ao seu futuro são os seguintes:

- As perspectivas da **procura** de produtos florestais são positivas;
- As **estruturas de mercado** estão a mudar (globalização, preocupações não comerciais com impactos comerciais, maior concentração empresarial ao nível das indústrias florestais, certificação, etc.);
- As **características dos proprietários florestais** estão a mudar (são cada vez mais urbanos, etc.);
- A **procura social dos espaços florestais** está a mudar (procura multifuncional, etc.);
- Os **objectivos das políticas públicas** estão a mudar (gestão florestal sustentável, etc.).

Daqui resultam as seguintes **questões chave** para o desenvolvimento futuro do sector florestal:

- ***Competitividade*** dos produtos florestais onde Portugal tem e pode continuar a ter vantagens comparadas se tiver políticas públicas e organização do sector privado adequadas para o efeito;
- ***Multifuncionalidade***;
- ***Complementaridade e cooperação*** entre os agentes do sector.

Em matéria de competitividade, é necessário **reduzir os custos de produção e de exploração**

florestal nomeadamente através do aumento da produtividade dos povoamentos e da criação de economias de escala na gestão florestal. As OPF têm aqui o seu campo de acção privilegiado através do aconselhamento técnico e formação dos produtores, da constituição de serviços comuns para a melhoria da gestão das suas explorações e da promoção de formas de gestão agrupada.

As OPF mais antigas **estão a chegar ao fim do primeiro ciclo do seu desenvolvimento** que se centrou nos tipos de actividades de apoio técnico à produção atrás referidas. Para a sua sobrevivência e desenvolvimento, devem, por isso, fazer o seguinte:

- **Conhecer bem as tendências de evolução** do sector;
- Desenvolver o seu modelo organizativo no sentido de ganharem **competitividade**;
- Rentabilizar o seu **património** acumulado de serviços ao sector;
- Reflectir sobre o seu modelo organizativo de maneira a considerar formas de **integração horizontal e vertical** geradoras de competitividade.

A opinião de várias das pessoas que intervieram nesta matéria é a seguinte:

- As OPF sejam elas associações, ou cooperativas, estruturas locais, ou estruturas federativas nacionais, devem valorizar as suas vantagens comparadas, mas sempre num sentido que promova a **cooperação e a complementaridade** entre elas;
- As OPF devem avançar no sentido de serem mais intervenientes nas actividades de **comercialização** e **transformação** de produtos florestais equacionando devidamente não só os respectivos benefícios, mas também os respectivos custos.

Os vários parceiros da fileira florestal têm um ***destino comum*** onde o sucesso de uns depende do sucesso dos outros. Assim sendo, é necessário e é possível caminhar no sentido do estabelecimento de **parcerias** entre os diversos agentes da fileira florestal, sem prejuízo do que é a missão principal e o património acumulado de cada um em matéria de serviços ao sector. No caso português, domínios onde há mais espaço para essa cooperação, já com provas dadas no terreno, são os seguintes:

- **Extensão florestal**;
- **Transferência de tecnologia,** nomeadamente em matéria de silvicultura intensiva;
- **Gestão florestal agrupada**;
- Inventariação das existências de matérias primas florestais e planeamento da sua exploração de modo a promover uma **melhor regulação do mercado** destes produtos.

Ao **Estado** deverão caber cada vez menos funções de prestação de serviços que os agentes privados podem prestar e cada vez mais as seguintes funções:

- **Co-financiamento** dos serviços com a natureza de bem público prestados pelas organizações de produtores e por outros agentes privados do sector;
- **Incentivo à organização colectiva** dos produtores florestais;
- **Regulação**;
- **Fiscalização e sanção** de infracções à legislação vigente;
- **Certificação** da qualidade dos prestadores de serviços;
- Abertura à **participação** activa das organizações dos agentes do sector na formulação, execução e avaliação das políticas com incidência no sector florestal.

POLÍTICA FLORESTAL
Políticas da União Europeia

Embora não haja, nem seja previsível que venha a haver uma política florestal comum, há muitas disposições das várias políticas comuns da União Europeia que têm incidências importantes no sector florestal. Os agentes do sector devem, por isso, estar atentos a elas e organizarem-se no sentido de fazerem ouvir a sua voz nos processos de formulação e execução dessas políticas. Mais precisamente, é importante as OPF estarem atentas às seguintes tendências:

- Importância crescente da **integração intersectorial e territorial** das políticas de desenvolvimento;
- Importância crescente dos objectivos de **protecção ambiental**;
- Importância crescente das questões de natureza ambiental em matéria de **comércio internacional** (certificação, abate ilegal de árvores);
- Importância crescente das **questões de natureza institucional**, nomeadamente no que se refere às alterações nos mecanismos de decisão pública (mudanças nas autoridades florestais nacionais, descentralização, instâncias de participação, etc.).

Política florestal nacional

É preciso fazer o ponto de situação sobre o que foi e não foi feito para a aplicação da **Lei de Bases da Política Florestal** e do **Plano de Desenvolvimento Sustentável da Floresta Portuguesa.** Relativamente ao que não foi feito, é preciso **orçamentar**, **calendarizar** e assumir **compromissos contratualizados** entre o sector público e os parceiros privados. Ainda no que se refere ao que não foi feito, salienta-se a ***necessidade urgente*** da concretização do **Fundo Financeiro Florestal** previsto no artigo 18.º da Lei de Bases da Política Florestal, sobre o qual, até ao momento, nada mais existe do que uma sugestão de várias origens possíveis de recursos financeiros enunciadas no **Plano de Desenvolvimento Sustentável da Floresta Portuguesa**. As origens de fundos aí propostas são boas, mas falta o essencial que é concretizá-las o mais depressa possível. Se isso não for feito, então os mecanismos actuais de financiamento do desenvolvimento florestal **não serão sustentáveis**. É, por isso, que, na concretização do Fundo Financeiro Florestal, a questão das **origens dos seus recursos** é fundamental. Essas origens devem ter as seguintes características para serem sustentáveis:

- Não podem ser **demasiado** dependentes de fontes externas (União Europeia ou outra), embora seja importante que continuem a aproveitar o melhor possível as oportunidades disponíveis a esse nível;
- Devem pouco vulneráveis às flutuações na conjuntura política;
- Devem ser diversificadas;
- Devem incidir sobre os agentes que beneficiam com a actividade florestal e que estão longe de ser apenas os produtores florestais e outros agentes do sector.

Em matéria de aplicação dos instrumentos de política florestal, há que prosseguir e aprofundar os esforços no sentido da **simplificação dos procedimentos de candidatura aos sistemas de incentivos**, acompanhada do reforço da **fiscalização e da sanção efectiva** dos agentes privados prevaricadores.

Américo Mendes (texto adaptado)

VIDA DAS ORGANIZAÇÕES

Associação Florestal do Concelho de Pedrógão Grande

Implementação de um Sistema de Gestão Florestal Sustentável (SGFS) em minifúndio – concelho de Pedrógão Grande

O Sistema de Gestão Florestal Sustentável (SGFS) a aplicar no concelho de Pedrógão Grande foi apresentado publicamente aos sócios da APFLOR no dia 4 de Março de 2002 na Associação de Melhoramentos da Derreada Cimeira (Pedrógão Grande) e sua implementação visa pôr em prática uma estratégia concertante de valorização e conservação do património florestal.

Com a implementação deste SGFS definiu-se um conjunto de medidas e práticas que traduzidas num Plano de Ordenamento Florestal para um determinado espaço, designado por Unidade de Gestão Florestal (UGF), conduzem a uma melhoria da floresta em geral. A UGF em causa designada por "Núcleo da Ervideira" é uma unidade geograficamente situada no topo Norte do concelho e freguesia de Pedrógão Grande, distrito de Leiria.

O SGFS em implementação neste concelho foi delineado e construído através de uma parceria entre a Associação dos Produtores e Proprietários Florestais do concelho de Pedrógão Grande (APFLOR) e a Aliança Florestal, tendo surgido em simultâneo com um SGFS instalado no concelho vizinho de Góis com uma UGF de bacia hidrográfica designada por "Bacia da Simantorta", projectado e implantado com base numa parceria entre a Associação Florestal do Concelho de Góis (AFC Góis) e a Aliança Florestal.

O SGFS do núcleo da Ervideira baseia-se no conceito base de individualidade das parcelas florestais ou com aptidão florestal, integrantes de um plano global comum mais abrangente, permitindo uma agregação crescente de parcelas formando sub-núcleos, que pela sua dimensão constituem as UGF. Associada a cada UGF existe: (1) uma política florestal específica, resultante da complementaridade entre a vontade dos proprietários e uma gestão florestal adequada; (2) a definição de objectivos claros e sempre que possível quantificados; (3) um gestor da UGF que é responsável pela garantia do cumprimento dos objectivos e da implementação de um processo de melhoria contínua, respondendo igualmente perante os associados e a Associação.

Em termos geográficos, o núcleo da Ervideira compreende uma área total de 1310 hectares, apresenta exposição dominante Este e é constituído por uma série de bacias hidrográficas que desaguam na Ribeira de Mega. No centro do núcleo situa-se a povoação da Ervideira que deu origem à designação do núcleo com a configuração apresentada na Figura.

Em termos sócio-economicos o núcleo da Ervideira caracteriza-se pela ausência de gestão florestal na maioria das propriedades, a qual nalguns casos está associada à ausência de residência dos proprietários. Esta realidade está intimamente ligada com alguns factores limitantes, designadamente: o muito elevado risco de incêndio; a pequena dimensão e dispersão das propriedades; o elevado número de proprietários; a falta de conhecimentos de prestadores de serviços ou de venda de produtos; a desmotivação do proprietário para o investimento florestal; os custos de exploração muito elevados impedindo uma rentabilidade que garanta a continuidade da actividade florestal.

A ocupação do solo é maioritariamente de eucalipto em estruturas puras (600 ha) ou mistas (540 ha) com incultos ou com pinhal.

Da totalidade da área que constitui o núcleo cerca de 10% está já efectivamente afecta ao núcleo, e é constituída apenas por proprietários florestais privados. Os objectivos principais desta UGF, tendo em conta o tipo de ocupação e os estados de desenvolvimento em que se encontra, são: (1) promoção do aumento do rendimento florestal dos proprietários do núcleo; (2) redução do perigo de incêndio através de uma atitude preventiva e

com recurso às melhores técnicas silvícolas de manutenção e conservação dos povoamentos florestais; (3) protecção contra pragas e doenças florestais; (4) promoção de uma boa utilização de outros usos do solo para além do eucalipto; (5) preparação da UGF para a mecanização das actividades florestais de manutenção e de exploração.

O Plano de Ordenamento Florestal (POF) é o resultado da conjugação de um Plano Florestal Comum (PFC), e do somatório dos Planos de Intervenção Florestais. O PFC é constituído pelos planos comuns: (1) de defesa contra fogos; (2) de infra-estruturas; (3) de defesa contra pragas e doenças; (4) de defesa contra a erosão; (5) de monitorização dos indicadores de gestão.

Nesta fase, dentro do Plano Comum de Intervenção Florestal (PCIF) optou-se por desenvolver no núcleo da Ervideira, o Plano Comum de Infraestruturas, que consistiu na beneficiação da rede principal e secundária de caminhos florestais num total de 50 Km e que foi realizado através de uma parceria entre a Câmara Municipal de Pedrógão Grande e a APFLOR.

Simultaneamente está em curso o Plano Comum de Defesa contra Pragas e Doenças, que consiste na luta biológica contra o ataque do gorgulho do eucalipto (*Gonipterus scutellatus* Gyll.). Para tal, constituiu-se um ensaio de parasitismo e dispersão do seu inimigo natural (*Anaphes nitens* Huber) que consistiu na largada do mesmo em 50 hectares do núcleo. Este ensaio está a decorrer de Abril a Dezembro do corrente ano e está a ser realizado através de uma parceria entre a APFLOR e o RAIZ (Instituto de Investigação da Floresta e do Papel).

Actualmente estão em elaboração os Planos de Intervenção Operacional (PIO) para cada propriedade dos sócios aderentes em simultâneo com os levantamentos com GPS das mesmas.

Margarida Gonçalves e Sónia Lopes

afacc

A Associação Florestal e Ambiental do Concelho de Chaves (*afacc*), é uma instituição particular sem fins lucrativos, fundada em Junho de 2000 por um conjunto de técnicos, proprietários e empresários ligados à fileira florestal. Surgiu como meio de dar resposta a algumas necessidades do concelho de Chaves, quer no sector florestal quer ambiental.

Ao longo destes dois anos a AFACC tem vindo a angariar associados tendo já neste momento um número considerável (60) e com tendência para aumentar a breve prazo.

Para atingir os objectivos a que se propôs, a AFACC necessitava de condições, precisava de meios, desde espaço a equipamento técnico adequado, sendo prioridade da direcção criar condições de trabalho proporcionais aos objectivos a atingir, isto é, capazes de dar resposta às necessidades dos seus associados presentes e futuros. Neste momento os meios estão disponíveis, estando assim criadas as condições para um crescimento gradual da Associação.

Assim, desde 1 de Maio de 2002 que está activa a nova sede da AFACC situando-se na Rua Alferes João Batista, Edifício Nova Hera, Bloco 5 loja 6 em Chaves.

Também a partir desta data se encontra a trabalhar a Administrativa da Associação, que veio permitir que a Associação passasse a ter um horário de funcionamento mais alargado.

Teremos assim, todo o prazer em receber aqui os nossos associados que queiram conhecer as nossas novas instalações.

Gabinete Técnico

Associação Florestal do Baixo Vouga
EXPOFLORESTAL 2002

A EXPOFLORESTAL 2002, realizou-se durante os dias 26 e 27 de Abril em Albergaria-a-Velha numa organização conjunta da Associação Florestal do Baixo Vouga, da Associação de Bombeiros Voluntários de Albergaria-a-Velha e da ANEFA (Associação Nacional de Empresas Agrícolas, Florestais e do Ambiente).

Existindo enormes expectativas relativamente a esta exposição, uma vez que foi das primeiras iniciativas de grande dimensão no País, foi bastante

agradável constatar a grande satisfação com que expositores e visitantes interagiram durante estes dois dias.

Os objectivos iniciais podem considerar-se cumpridos:

- dar visibilidade a um sector que, pela importância de que se reveste, a vários níveis, nem sempre tem merecido a devida atenção por parte do poder político, comunicação social e da sociedade em geral;
- promover um espaço de interacção entre todos os agentes do sector, em ordem a contribuir para o necessário desenvolvimento integrado do sector florestal.

A presença de mais de 60 expositores – empresas, organizações, entidades oficiais e estabelecimentos de ensino – e de cerca de 4500 visitantes, foi uma mostra evidente do grande potencial que representam os sectores e subsectores que formam a fileira florestal Portuguesa. Este significativo interesse constitui um sinal de esperança para todos aqueles que diariamente trabalham e vivem na floresta.

De realçar ainda que o sucesso desta iniciativa, não seria possível sem o enorme empenho e carolice da organização e sem o apoio de todos os colaboradores, com especial destaque para a Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha e a Unimadeiras.

Luís Sarabando

PUB.

Associação de Produtores Florestais do Vale do Minho

Uma Nova Equipa de Sapadores no Vale do Minho

A partir do próximo mês de Julho iniciará a sua actividade a 1ª equipa de Sapadores Florestais da Associação de Produtores Florestais do Vale do Minho que terá como zona prioritária de intervenção a área protegida do Corno de Bico.

A criação da equipa foi possível graças ao protocolo celebrado com a Câmara Municipal de Paredes de Coura e a aprovação da candidatura apresentada ao programa Sapadores Florestais.

Apesar de esta ser a 1ª equipa de Sapadores da Associação, no Vale do Minho existem outras três pertencentes a nossos associados e que têm como área de intervenção os Baldios de Gondomil, Merufe e Riba de Âncora, nos concelhos de Valença, Monção e Caminha, respectivamente.

Pensamos que este pode ser mais um importante passo para atingirmos os objectivos que nos propusemos.

Elisabete Araújo

PORTUCALEA

Acção de Formação «Avaliação, Cubicagem e Comercialização da Madeira»

Durante o mês de Março, a Portucalea – Associação Florestal do Grande Porto em colaboração com a Forestis, levou a cabo a Acção de Formação «Avaliação, Cubicagem e Comercialização da Madeira».

Esta Acção teve lugar em Vila do Conde e realizou-se com o intuito de dotar os proprietários florestais com conhecimentos sobre como avaliar a madeira, assim como consciencializar para a importância que a cubicagem, triagem e comercialização da madeira podem ter na obtenção de uma maior rentabilidade.

O fornecimento de material lenhoso directamente pelo produtor florestal, sobretudo a nível individual, praticamente desapareceu, sendo assegurado actualmente por agentes comerciais individuais. Sendo assim, a interligação entre o produtor florestal e a indústria transformadora de madeira é muito ténue, o que favorece a especulação e prejudica o produtor. Para fazer face a esta situação, este deverá saber o volume e qualidade da matéria prima que oferece, de modo a se ajustar às necessidades de consumo, na procura da maior rentabilidade. Para tal, poderá recorrer a uma entidade que lhe possa fornecer serviços de apoio técnico, tanto na condução dos povoamentos como na avaliação e triagem do material lenhoso, destacando aqui o papel das Associações Florestais locais.

Tendo em conta os objectivos, o curso começou por introduzir o conceito de qualidade/certificação da madeira e a importância dos planos de corte na valorização do material lenhoso. Neste módulo, os formandos constataram de que forma as singularidades da madeira podem desvalorizar o potencial de um povoamento. No módulo seguinte apreenderam as várias formas de cubicagem, algumas das quais tiveram oportunidade de aplicar na prática.

Por fim, familiarizaram-se com os conceitos de triagem e comercialização. De forma a cimentar ideias e conhecer melhor o processo, realizou-se uma visita de estudo a uma serração local.

Foi com apreço que a Portucalea constatou a forte adesão por parte dos proprietários florestais a esta Acção de Formação, assim como o interesse e a participação demonstrados pelos participantes ao longo do curso. Foram eles, sem dúvida, os grandes responsáveis pelo êxito desta acção, razão pela qual agradecemos. Gostaríamos, também, de agradecer: aos formadores, nomeadamente ao Eng.º Ricardo Cunha (CTIMM); ao Sr. Gonçalves, que amavelmente cedeu a sua propriedade para as sessões práticas; e, à Indústria de Madeira Machado & Filhos, L.da, onde se realizou a visita de estudo.

Dada a importância desta acção e a receptividade com que foi recebida pelos sócios, a Associação poderá vir a repetir o curso.

Helena Barbosa
(Técnica da Portucalea)

Núcleo Portucalea Norte

É com agrado que apresentamos o Núcleo Portucalea Norte, em fase final de instalação.

A criação deste Núcleo teve por base (segundo o artigo 11º do regulamento interno da Portucalea):

- Maximizar a eficiência no apoio às necessidades dos sócios da área de trabalho do Núcleo,
- Aproximação dos sócios às instalações da Portucalea,
- Redução de custos no apoio técnico e consultorias aos sócios,
- Aumento do número de sócios na área do Núcleo.
- A área de intervenção do Núcleo são os Conselhos de Vila do Conde, Póvoa de Varzim e Matosinhos. Os sócios da Portucalea com áreas florestais nestes conselhos serão automaticamente adstritos ao Núcleo sem sofrerem custos acrescidos.

O Núcleo tem sede em Vila do Conde, na Praça da República n.º 10 2º 4480 Vila do Conde, tel. 252645692.

ON Douro
Programa Operacional da Região do Norte

CCDR COMISSÃO DE COORDENAÇÃO DA REGIÃO DO NORTE

Associação Florestal do Douro Norte

A Forestis recebeu uma carta de um associado da Associação Florestal do Douro Norte, a qual publicamos, aliás a pedido dessa mesma pessoa e que não deixa de ser mais um estimulo, quer para nós, quer para as restantes associações para que continuem e desempenhar tanto quanto sabem e podem as suas funções. Porque elas são importantes.

José Luis Sousa Sobral
Av. da República 1114-8º Esqº
4430-192 Vila Nova Gaia

Ao Boletim Trimestral da
FORESTIS

Vila nova Gaia, 26 de Maio de 2002-05-26

Assunto : **A importância das Associações Florestais**

Ex.: Sr.

Sou proprietário de alguns prédios rústicos e um apaixonado da silvicultura, sem no entanto ter formação académica nessa área.

A morar longe das propriedades, sem saber a quem recorrer para uma correcta avaliação dos povoamentos florestais, melhorar os mesmos, uns com arborização e outros com beneficiação (adensamentos e substituição de povoados), encontrava-me num beco sem saída.

Um primo que trabalha no UTAD – universidade de Trás-os- Montes e Alto Douro aconselhou-me a contactar a AFLODOURONORTE – Associação Florestal do Vale do Douro Norte, sediada em Murça, da qual me tornei sócio em 26/04/01.
A partir desse momento e graças à Associação, consegui passar de incertezas a certezas e a acreditar que é possível melhorar a nossa fileira florestal, pois neste momento tenho já um projecto aprovado no âmbito do Agro – Medida 3.

A 1ª operação silvícola que a Brigada dos Sapadores Florestais efectuou na limpeza duma das minhas propriedades, (que não tinha nenhuma intervenção silvícola à cerca de 30 anos), foi de tal ordem que as pessoas da aldeia foram ver o local, não acreditando que num só dia se tenha feito tão intenso trabalho, estando neste momento O Conselho Directivo dos Baldios da localidade e a própria Câmara interessados em criar uma Associação Florestal.
Aproveito a oportunidade para enviar fotografias tiradas na referida propriedade, no decurso da 2ª operação silvícola, efectuada no dia 20 de Maio do corrente ano).

Perante a ajuda que tive por parte da Associação na pessoa do seu Técnico Eng.º João Teixeira, com prejuízo da sua vida particular, e dos 5 elementos que constituem a Brigada dos Sapadores Florestais da AFLODOURONORTE, Srs. Paulo, Carlos, Norberto, Anicelo e Américo, gostaria de publicamente dar os meus parabéns, pelo seu esforço, excelente trabalho e educação, e manifestar os meu sinceros agradecimentos por todo o apoio que me deram e continuam a dar.

José Luís Sousa

P.S. Agradecia que me informassem o que devo fazer para passar a receber em minha casa O boletim trimestral da FORESTIS que eu tanto aprecio.

PROGRAMA

13 Setembro
sexta-feira
13 Setembro

10:00H - Sessão Inaugural da Feira.

12:00H - Abertura Oficial da Área de Exposição.

15:00H - Demonstrações.
Colóquio:
"Os Desafios da Floresta no Sec. XXI".

"A Sustentabilidade da Floresta Portuguesa"
"A Consolidação da Floresta e Ambiente".
Local: FEIRA (Tenda).

16:00H - Animação Musical.

19:00H - Encerramento.

22:00H - Espectáculo Musical (Vila de Murça).

SECRETARIADO

14 Setembro
sábado
14 Setembro

10:00H - Abertura ao Público.

11:00H - Concurso de Desenho para Crianças.

14:30H - Colóquio
"Política Florestal Hoje".

"Prof's"
"Associativismo"
"Certificação da Gestão Florestal".
Local: FEIRA (Tenda).

15:00H - Demonstrações.

15:30H - Trial, "Todo Terreno".

16:00H - Animação Musical.
Concurso de Motoserras
» Profissionais / Empresas.

19:00H - Encerramento.

22:00H - Espectáculo Musical (Vila de Murça).

15 Setembro
domingo
15 Setembro

10:00H - Abertura ao Público.

11:00H - Entrega de Prémios
do Concurso de Desenho.

15:00H - Demonstrações.

15:30H - Trial, "Todo Terreno".

16:00H - Animação Musical
Concurso de Motoserras
» Visitantes.

17:30H - Entrega de Prémios
do Concurso de Motoserras.

19:00H - Encerramento Oficial da Feira.

20:00H - Jantar dos Expositores.

Ficha Técnica

Exploração Florestal Madeireira [Parte 2]

Operações:

Abate:

- O abate consiste no corte das árvores que se querem retirar do povoamento.
- Geralmente recomenda-se a execução desta operação no Outono-Inverno, embora, na prática, esta operação é levada a cabo durante todo o ano.

Principais técnicas:

- A execução do corte deve ser feito o mais próximo possível do solo;
- Deve-se obter uma secção de corte regular;
- Ter em atenção o sentido de queda da árvore;

Com o objectivo de diminuir os riscos e traduzir em sucesso esta operação, deverá fazer-se uma prévia preparação, tendo em conta o seguinte:

- Observação da direcção da queda natural da árvore;
- Limpeza do solo à volta do tronco;
- Desramação dos ramos que impeçam a boa execução do abate;
- Selecção do equipamento adequado.

Corte de Ramos

Esta operação consiste na eliminação dos ramos e da bicada da árvore.

Esta operação tem como objectivo a preparação do tronco para a transformação tecnológica.

Para se assegurar uma melhor operacionalidade desta operação, deverá ter-se em conta o seguinte:

- A árvore deverá estar a uma altura de 50 a 80 cm do solo.
- A motosserra deverá estar sempre apoiada sobre o tronco, salvo no caso de ser necessário cortar do lado esquerdo do tronco da árvore, situação em que se deve apoiar a motosserra entre a coxa e o tronco da árvore.

Nesta operação, e por se tratar de uma operação em que esse risco é maior, deverá ter-se sempre em atenção todos os procedimentos de utilização da motosserra que evitem o ressalto desta, nomeadamente:

- Não cortar com a ponta da lâmina-guia;
- Manter o polegar do lado de dentro da pega dianteira;
- Usar uma motosserra com travão de corrente.

Toragem

Designada também por traçagem, esta operação visa preparar o tronco para o transporte, consistindo no corte no plano transversal do tronco. As características do modo de operar, para este caso, estão muito dependentes do destino da madeira, podendo-se definir os comprimentos desejados e que são função de:

- Natureza da madeira;
- Diâmetro do Tronco
- Qualidade da Madeira.

Esta operação pode ser executada no local de abate ou já em carregadouro.

Para que se consiga atingir bons resultados com esta técnica é necessário evitar:

- O prender da lâmina-guia da motosserra, durante o corte;
- O esgaçamento ou falhas nos toros, que são resultantes da má execução do corte, evitando assim danificação e consequente desvalorização do material.

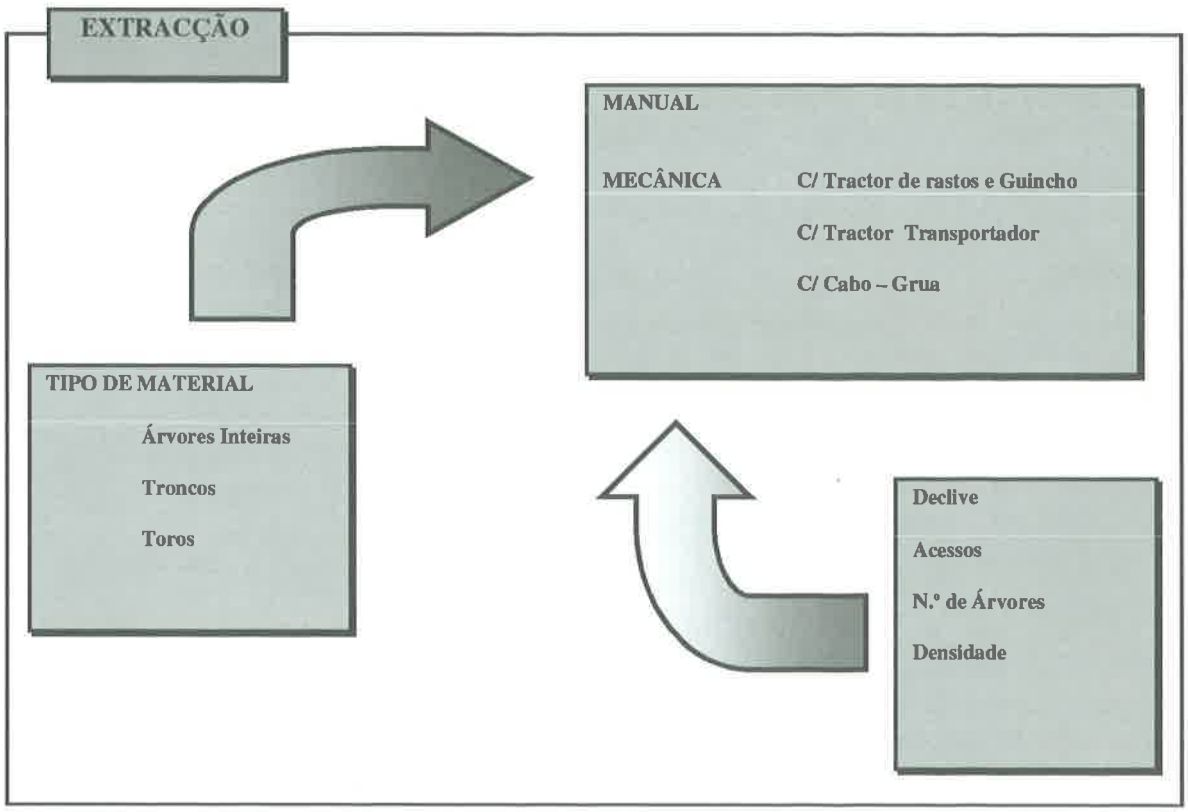
Extracção

Esta é uma operação que envolve uma grande variedade de processos e equipamentos, uma vez que está dependente do tipo de material lenhoso a movimentar, o local e as condições em que esse material se encontra, bem como a natureza dos acessos que existe.

Existem dois passos que constituem esta operação:

- Rechega – concentração do material lenhoso
- O transporte até ao carregadouro.

De seguida, apresenta-se um esquema que resume o conjunto de possibilidades existentes:



Carregamento e Transporte

Sendo a última operação que constitui a Exploração Florestal, consiste na colocação do material lenhoso em veículos de transporte por forma a serem conduzidos ás unidades de transformação e consumo.

Nesta fase, é de todo conveniente delimitar as zonas destinadas ao parqueamento e à circulação de veículos e máquinas, bem como de garantir a boa funcionalidade da rede viária, principalmente em tempo húmido, uma vez que os riscos de escorregamento e desabamento são maiores.

O seguimento das normas de segurança e das regras de utilização e manutenção dos diferentes equipamentos, bem como a utilização do equipamento individual de trabalho, representam uma diminuição considerável da ocorrência de acidentes. Como tal, é imprescindível que se faça uso de todo esse conjunto de regras e acções.

Passar do complicado ao simples, pode ser fácil, agora muitas vezes ao tentar simplificar o trabalho pode provocar dificuldades, muitas delas irreversíveis, principalmente quando estão em jogo pessoas.

Evitar acidentes é aumentar a Produtividade.

Jorge Cunha
Técnico da Forestis

Referências Bibliográficas:

Trabalho Florestal – Manual de prevenção, Informação Técnica 4 – Instituto de Desenvolvimento e Inspecção das Condições de Trabalho (IDICT), Julho de 1998.

O equipamento ganhador

Na hora de escolher um bom equipamento para o cuidado e manutenção de matas e zonas verdes, a STIHL ganha, com diferença por garantia e respeito com o meio ambiente.

Moto-serras potentes e de fácil utilização para cortar árvores, podar e enxertar. Desde as mais fáceis electro-serras da Série E, até às potentes STIHL 066 e 088. E a STIHL 036 QS com o seu exclusivo travão de corrente. A mais ampla gama de roçadeiras STIHL para cortar e acabar com o mato em pequenas e grandes superfícies.

Escolha os versáteis corta-sebes STIHL para um corte rápido e impecável para todos os tipos de sebes.

As escavadoras-perfuradoras STIHL são máquinas idóneas para o cultivo e a jardinagem, o reflorestamento e a colocação de postes de qualquer tipo.

Para a conservação e limpeza, as máquinas de lavar de alta pressão STIHL de água fria arrancam a sujidade onde ela esteja... Um perfeito equipamento.

À hora de escolher bem, não se precipite. Com STIHL sairá ganhando.

Consulte o seu Distribuidor mais próximo... Haverá sempre alguém da STIHL perto de Si.

Assessoramento e vendas através dos estabelecimentos de venda da STIHL APARELHOS A MOTOR S.A. em Portugal Continental e Insular.

Para mais informações dirija-se a:
STIHL APARELHOS A MOTOR S.A.
Beloura Office Park. R. do Centro Empresarial
Edifício 7 - Piso 0 - Loja 2 - Albarraque
2710 - Sintra - Portugal
Tel 351.219108200 - Fax 351.219242218
email: info@sthil.pt

STIHL®

ORGANIZAÇÕES FLORESTAIS SUB-REGIONAIS

ORGANIZAÇÕES	SEDE	EQUIPA TÉC.
Associação Florestal do Vale do Sousa	Ed. Sonho, Fracção C – cave tras. – Madalena • 4580 **Paredes** R. do Paço, 41 (Casa do Povo) • 4560-485 **Penafiel** **Tel.: 255 213 420 • Fax: 255 783 601 • Telem.: 96 256 86 59**	Eng. Amália Neto e Eng. Alexandre Gomes
CELFLOR – Ass. Prod. Florestais	Av. Bombeiros Voluntários, nº 20 • 6360-344 **Celorico da Beira** **Tel.: 271 747 450/1 • Fax: 271 747 459 • Telem.: 96 250 20 36**	Eng. Marisa Martins e Eng. Paulo Mimoso
Associação Florestal do Lima	Urbanização do Sobral, Lote 2 – Fracção V • 4990-144 **Ponte de Lima** **Tel. / Fax: 25 894 41 03 • Telem.: 917 625 099**	Eng. Adelina Moreira
Associação Florestal de Basto	Av. Capitão Elísio de Azevedo, Lt. 14, 2º D **Cabeceiras de Basto** 4860 **Arco de Baúlhe** **Tel.: 253 665 309 • Fax: 253 665 766 • Telem.: 96 804 41 63**	Eng. Teresa Meireles Eng. David Magalhães Eng. Carla Pinto Eng. Paula Andrade
Associação Florestal do Cávado	Campo das Carvalheiras nº 1 • 4700-419 **Braga** **Tel. / Fax: 253 218 713 • Telem.: 91 976 47 45**	Eng. André Rebelo
Associação de Produtores Florestais do Vale do Minho	R. José Luís Dias, Sobreloja Corpo 4. Ed. dos Machados • 4950-473 **Monção** **Tel. / Fax: 251 654 096 • Telem.: 96 377 95 45**	Eng. Margarida Barbosa e Eng. Elisabete Araújo
Associação Florestal de Entre-Douro e Tâmega	Av. Futebol Clube do Porto nº 875 • 4630-203 **Marco de Canavezes** **Tel. / Fax: 255 523 556 • Telem.: 96 235 42 85**	Eng. António Neto e Eng. Ricardo Marinho
Associação Florestal do Vale do Douro Norte	Praça 5 de Outubro – Apartado 38 • 5090-112 **Murça** **Tel.: 259 511 712/259 518 430 • Fax: 259 518 431 • Telem.: 93 955 40 42**	Eng. João Teixeira e Eng. Elvira Azevedo
PORTUCALEA – Associação Florestal do Grande Porto	Rua 5 de Outubro, nº 68 (Ed. Bombeiros) • 4420-086 **Gondomar** **Tel. / Fax: 22 463 18 66 • Telem.: 96 249 75 63**	Eng. Teresa Neves e Eng. Helena Barbosa
ARBOREA – Associação Florestal da Terra Fria Transmontana	Ed. Casa do Povo – Largo do Toural • 5320-311 **Vinhais** **Tel. / Fax: 273 770 070 • Telem.: 96 2404007**	Eng. António Borges e Eng. Paulo Machado
Associação Florestal de Entre-Douro e Vouga	P. Brandão de Vasconcelos, 10 (Antigo edifício escolar) • 4540-110 **Arouca** **Tels.: 256 949 041-256 948 293 • Fax: 256 948 294 • Telem.: 96 267 51 63**	Eng. Pedro Quaresma Eng. Ricardo Sousa Eng. Cristina Tavares
Associação dos Silvicultores do Vale do Ave	Quinta do Pinhô • S. Torcato • Apartado 1076 • 4811-908 **Guimarães** **Tel. / Fax: 253 55 37 76 • Telem.: 91 740 69 89**	Eng. Raquel Noronha
FLORISVOUGA – Associação Florestal de Lafões	(Sede prov.) Drizes, Bairro Novo • Apartado 23660 **S. Pedro do Sul** **Fax: 232 712 696 • Telem.: 96 580 43 01**	–
AGRIARBOL – Associação Produtora Agro-Florestal da Terra Quente	Av. D. Nuno Álvares Pereira, nº 3, 2º • 5340-202 **Macedo de Cavaleiros** **Tel./Fax: 278 421 698 • Telem.: 93 620 06 20**	Eng. Paulo Silva
URZE – Associação Florestal da Encosta da Serra da Estrela	Ed. Estação Camionagem, r/ch – Estrada de S. Paio • 6290 **Gouveia** **Tel.: 238 498 160 • Fax: 238 498 159 • Telem.: 96 453 34 51**	Eng. Rui Xavier Eng. Helder Viana
Associação Florestal do Baixo Vouga	Centro Coordenador Transportes, Loja 7 • 3850-022 **Albergaria-a-Velha** **Tel./Fax: 234 524 056 • Telem.: 917 133 536**	Eng. Luís Sarabando
ARAVIS – Associação Regional de Agricultores de Viseu	Av. Emídio Navarro, nº 27, 3º – loja 24 A/D – Académico • 3500 **Viseu** **Tel.: 232 422 568 • Fax: 232 431 934**	Eng. Fátima Reis
CAPOLIB – Cooperativa Agrícola Boticas – Secção Florestal do Alto Tâmega e Barroso	Av. do Eiró • 5460 **Boticas** **Tel.: 276 415 787 • Fax: 276 415 734 • Telem.: 93 276 41 83**	Eng. Ricardo Saldanha
Cooperativa Silvo-Agro Pecuária de Vila Nova de Ceira	3300 **Vila Nova de Ceira** **Tel.: 235 770 170 • Fax: 235 770 176 • Telem.: 91 733 63 34**	Eng. Helena Rodrigues
RIBAFLOR – Associação Florestal Terras de Riba Douro	Bloco da Feira, s/n • 5100 **Lamego** **Tels.: 254 619 440/1 • Fax: 254 619 441 • Telem.: 91 916 18 28**	Eng. Catarina Quintela
AFACC – Associação Florestal e Ambiental do Concelho de Chaves	Rua Alferes João Baptista, Bl. 5, Lj. 6 • 5400 **Chaves** **Tel. / Fax: 276 326 702 • Fax: 276 327 274 • Telem.: 93 824 31 92**	Eng. José Barros
ACRISABUGAL – Associação Criad. Rumin. e Prod. Florstais do Concelho de Sabugal	Largo do Cemitério • 6320 **Sabugal** **Tel.: 271 752 753 • Fax: 271 753 398**	–
Associação Florestal Concelho de Gois	Rua Comandante Bebiano Baeta Neves, 316 • 3330 **Gois** **Tel.: 235 778 828**	Eng. Rui Giestas e Eng. Ricardo Fernandes
APFLOR – Associação de Produtores e Proprietários Florestais de Pedrogão Grande	Largo da Devesa • 3270 **Pedrogão Grande** **Tel.: 236 488 837 • Fax: 236 488 838**	Eng. Sónia Lopes e Eng. Margarida Gonçalves
ASFLOBAR – Associação de Produtores Florestais do Barroso	Rua General Humberto Delgado • 5470 **Montalegre** **Tel. / Fax: 276 511 501**	Eng. Maria Amélia Machado
AFLOSUL – Associação Florestal do Sudoeste Algarvio	(Prov.) Rua Adelina da Glória Burguer, 9 • 8600-672 **Lagos** **Tel.: 282 760 831 • Fax: 282 457 564**	Eng. Sobral Almeida
APFAM – Associação de Produtores Florestais de Alvelos e Murodal	Praça do Município – Apt. 29, • 6164-909 **Oleiros** **Tel.: 272 682 380 • Fax: 272 682 380**	Eng. Rodolfo Alves